

49.

IGREJA DO SALVADOR DE REAL



Rua da Igreja Velha
Real
Amarante



41° 15' 22.52" N
8° 9' 42.23" O



918 116 488



x



Divino Salvador
6 agosto



Em vias de classificação



P. 25



P. 25



x

Edificada numa zona de encosta sobranceira às agramas que ladeiam a linha de água, a Igreja do Salvador de Real encontra-se isolada e sobrelevada relativamente ao caminho que até ela nos conduz. A edificação da nova igreja paroquial, em 1938, levou ao abandono daquela, cuja fábrica ainda ostenta significativos trechos românicos, particularmente ao nível da fachada principal e do alçado sul, não obstante a grande transformação a que foi sujeita entre 1750 e 1760. No início do século XVIII, esta Igreja pertencia ao padroado do Mosteiro de Travanca (Amarante) (p. 212).

No que toca aos tempos medievos, pouco sabemos sobre esta Igreja. No entanto, tendo em conta os vestígios remanescentes, propomos o primeiro quartel do século XIV para a sua edificação. Já integrado num românico muito tardio, num momento em que se anuncia o gótico, o portal principal de Real é disso testemunho: não tem tímpano, as colunas esbeltas são encabeçadas por capitéis com escultura pouco volumosa e presa ao cesto e as duas arquivoltas que lhe dão corpo, além de serem quebradas, são toreadas. Uma adaptação de uma influência do românico português que terá chegado possivelmente através de Travanca.



Inscrito na fachada sul, persiste ainda um arcossólio com sarcófago, cuja tampa ostenta uma espada gravada, o que denuncia o estatuto social de quem aí se fez enterrar. Próximo deste, um maciço pétreo perpendicular ao cunhal sudeste da cabeceira, mas a ele adossado, ostenta uma sineira de claro sabor românico.

Já no interior, assentando diretamente sobre os pés-direitos do muro, o arco triunfal forma-se de duas arquivoltas quebradas. O caráter despojado desta Igreja é acentuado pelo revestimento a estuque que a cobre na sua totalidade, fazendo sobressair, ao modo de jogo de claro-escuro, as cruzes de sagração, românicas, patadas e inscritas em círculo.





O PATRIMÓNIO DA IGREJA VELHA

A edificação da igreja nova de Real levou à transferência do retábulo-mor que presidia, até à década de 1930, à velha Igreja. A sua monumentalidade contrasta claramente com o simples retábulo que agora se presta a culto na capela-mor da igreja românica. O que aí se encontrava e que hoje se pode apreciar na igreja nova de Real, além de se organizar em torno de um volumoso trono eucarístico, encimado por uma representação alusiva ao Santíssimo, ostenta uma sanefa em que se apoiam querubins de corpo inteiro. A sua policromia, definindo marmoreados, casa aqui com motivos nitidamente *rocaille*.



Igreja nova de Real. Retábulo-mor

O ambão e a guarda de púlpito que o envolve, no lado do Evangelho da capela-mor da velha igreja, faz conjunto com o retábulo que acabamos de descrever, atribuindo-se seguramente a sua feitura a uma mesma oficina. Com estes dois elementos, ricamente elaborados, contrasta o retábulo-mor que veio substituir o que fora transferido. Sem grandes volumetrias, com forte tónica dada à estrutura arquitetónica, apenas se relaciona com os restantes elementos da capela-mor pelo recurso a uma mesma policromia.

O século XVIII deixou marcas profundas em Real, identificáveis na abertura de grandes vãos de iluminação na nave e na capela-mor, no desenho das três cruzeiras que se alinham nas empenas e nos fogaréis terminais dos cunhais da nave. As variações ao nível do aparelho denunciam ainda que este edifício foi bastante mexido ao longo da sua história. Foi por esta ocasião que se integrou, na paroquial de Real, o púlpito e um coro (embora o atual seja seguramente posterior). Completavam o recheio três retábulos, o mor e dois colaterais.



A NÃO PERDER

- 11 km: Parque Aquático de Amarante (p. 280)